

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Alain Delon, A Virtude do Silêncio

3 e 30 de Outubro de 2025

L'INSOUMIS / 1964

O Indomável

um filme de ALAIN CAVALIER

Realização: Alain Cavalier / Argumento: Alain Cavalier, Jean Oau / Fotografia: Claude Renoir / Montagem: Pierre Gillette / Som: Antoine Bonfati / Música: Georges Delerue / Direcção Artística: Bernard Evein / Interpretação: Alain Delon (Thomas Vlassenroot), Lea Massari (Dominique Servet), Georges Géret (Fraser), Maurice Garrel (Pierre Servet), Robert Castel (Amerio), Viviane Attia (Maria), Paul Claven (Felicien), Robert Bazil (pai de Maria), Guy Laroche, Paul Pavel, Camille de Casabianca.

Produção: Cite Films, CIPRA, Delbeau, Produzioni Cinematografiche Mediterranee / Produtores: Jacques Bar, Alain Delon / Cópia: em DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / Duração: 101 minutos / Estreia Mundial: 25 de Setembro de 1964, França / Estreia em Portugal: 23 de Março de 1965 / Primeira exibição na Cinemateca / Primeiras exibições na Cinemateca: 29 de Outubro e 19 de Novembro de 2013, Ciclo “Alain Cavalier”, organizado em colaboração com o Doclisboa.

L'Insoumis é o terceiro filme de Alain Cavalier, sucedendo a **Un Américain** (1958), a sua curta-metragem de estreia e a **Le Combat dans L'Île**, que concluiu dois anos antes. Filme polémico e amplamente censurado, acabou por ditar o destino imediato de Cavalier enquanto cineasta. A polémica prendia-se sobretudo com o seu tema, pois com **L'Insoumis** Alain Cavalier regressa à guerra argelina, prolongando algumas questões de **Le Combat dans L'Île**, mas conferindo-lhe outra densidade e complexidade. Eram raros os filmes que abordavam directamente a guerra da Argélia num momento em que em França se vivia uma enorme tensão devido aos acesos conflitos e, nesse sentido, as duas primeiras longas-metragens de Cavalier, e muito em particular **L'Insoumis**, revestiam-se de um verdadeiro estatuto de excepção.

Como indica uma legenda inicial, o filme começa precisamente nos combates de 1959-1961, na Argélia, para se deslocar progressivamente em direcção à Europa, e em concreto para o Luxemburgo, a região natal do protagonista. Este é Thomas Vlassenroot, numa excelente interpretação de Alain Delon, que curiosamente é um dos produtores do filme. No ano anterior, Delon havia participado em **Il Gattopardo**, de Visconti, e encontrava-se num período particularmente feliz da sua carreira, pelo que o seu papel é importantíssimo no acolhimento do filme, tendo em conta a polémica que rodeia a sua personagem. Desertor do exército, é o próprio protagonista que enfatiza o seu “divórcio com França” e um consequente destino votado à clandestinidade, que não exclui uma tentativa de regresso a casa, com a plena consciência de que este é um plano votado ao fracasso.

Numa entrevista publicada a propósito da retrospectiva Alain Cavalier, que organizámos na Cinemateca em 2013 em colaboração com o Festival Doclisboa e que contou a presença do cineasta em algumas das sessões, Cavalier refere-se ao período controverso da sua vida que corresponde ao tempo do filme e alude ao sofrimento de muitos anos causado pela sua recusa em combater na guerra da Argélia, ao mesmo tempo que elege amor e os sentimentos como uma vertente essencial da vida, e “consequentemente” dos seus filmes. Dizemos “consequentemente”, pois Cavalier é um dos mais importantes cineastas da actualidade que parte da ligação fundamental entre arte e vida, neste caso, entre cinema e vida, uma vez que todos os seus filmes são obras que, independentemente da sua natureza, e da grande evolução no sentido de uma exacerbação da componente autobiográfica, são habitadas por uma ligação indissociável com a sua própria biografia. **La Rencontre**, longa-metragem que filmará em vídeo com uma pequena câmara doméstica já em 1996, será uma das obras fundamentais desse cinema autobiográfico.

Aqui, como noutros filmes futuros, Cavalier é um cineasta que parte de questões políticas controversas, mas também alguém que filma a singularidade, os sentimentos e as relações, manifestando-se desde o início os vários aspectos fundadores de todo o seu cinema. Nesse sentido, **L’Insoumis** é exemplar no modo como retrata a personagem do seu protagonista e a forma como este se relaciona com a sua “vítima”, que se transformará em sua amante. Thomas Vlassenroot não é uma personagem simples, como também não o são as personagens de **Le Combat dans L’Île**.

“Insoumis”, “indomável” (segundo o título português), ou “inadaptado”, na sua recusa de submissão, Thomas é também um ingénuo, alguém que não pertence a nenhum dos lados ou facções, o que, na realidade, anuncia a sua condenação. Os sinais estão por todo o lado: no modo como observa o outro homem mantido em cativeiro no apartamento e afirma que este não tem um ar “méchant”; na adequação com que Cavalier filma o calor argelino, enfatizando claramente a clausura e a opressão que atingem o protagonista; ou na presença das fotografias de abelhas nesse mesmo apartamento, que apontam para o destino falhado de Delon enquanto apicultor. “Tens medo que me torne um assassino” é a pergunta que, mais à frente, Delon faz a Lea Massari, como se condenado por uma espécie de fatalismo previamente anunciado.

O final é verdadeiramente surpreendente. Sequência admirável, que se começa a desenhar nos campos com imagens de um paraíso perdido, que contrastam com a chegada do protagonista a casa, em que Delon é acolhido pelo vazio e por um silêncio que se torna ensurdecador ao ser pontuado pelo ritmo dos ponteiros dos relógios. É face a uma criança que não o reconhece, que finalmente cai ao som do grito do seu próprio nome.

Embora Alain Cavalier tenha afirmado que “**L’Insoumis** não é um filme político”, insistindo, porém, que “a política é um fenómeno que intervém na vida dos seres, e a descrição dessa relação [lhe] interessa.” Este é talvez o seu filme mais “politizado” em ambos os sentidos: por abordar questões políticas e um filme realmente de ordem política.

Joana Ascensão